

## **Corpos flexíveis: A flexibilidade corporal possibilitada pela manifestação da Pombagira nas práticas afro-brasileiras**

Cuerpos Flexibles: La flexibilidad corporal possibilitada por la manifestación de Pombagira en las prácticas afrobrasileñas

*Nilza Menezes<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O presente texto busca fazer algumas reflexões sobre as possibilidades de flexibilidade corporal, tendo como abordagem a manifestação da pombagira entidade espiritual que se apresenta nas práticas religiosas afro-brasileiras. Nosso enfoque é que a partir da sua flexibilidade pelas suas características ambíguas, marcada pela sua formação híbrida em razão da sua construção carregada de diversas culturas, traz em si uma grande diversidade e possibilidades. Ela se instala dentro dos cultos de matriz africana, enquanto espírito pertencente ao mundo sobrenatural, podendo manifestar-se pelo processo do transe, em corpos femininos, e ou masculinos e, possibilitar ao olhar de quem vê, a ocultação do corpo real, projetando um corpo idealizado e desejado. Isso ocorre em razão da sua materialização pela apropriação dos adeptos e adeptas numa simbiose que engloba ou funde, masculino e feminino, questões raciais e sociais de maneira híbrida e flexível. O enfoque dado nesse texto, faz parte das observações de campo e reflexões realizadas no processo de investigação realizado no mestrado quando abordamos as representações de gênero nas manifestações da pombagira.

**Palavras-chave:** Gênero, Religião, Religião Afro-brasileira e Sexualidade.

### **Resumen**

Este texto busca hacer algunas reflexiones sobre las posibilidades de flexibilidad corporal, tomando como enfoque la manifestación de la entidad espiritual pombagira que se presenta en las prácticas religiosas afrobrasileñas. Nuestro enfoque es que desde su flexibilidad por sus características ambiguas, marcadas por su formación híbrida debido a su construcción cargada de diversas culturas, aporta en sí misma una

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-doutora em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Pesquisadora do grupo de pesquisa Mandrágora\Netmal, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisadora do Grupo RAIZES, do programa de pós-graduação da UFPB. Pesquisadora e coordenadora do Centro Cultural e de Documentação Histórico Poder Judiciário de Rondônia\Escola da Magistratura de Rondônia. Email: [nilzamenezes@hotmail.com](mailto:nilzamenezes@hotmail.com)

gran diversidad y posibilidades. Se instala dentro de los cultos de la matriz africana, como un espíritu perteneciente al mundo sobrenatural, pudiendo manifestarse por el proceso de trance, en cuerpos femeninos, y/o masculinos, posibilitar la mirada del que ve, el ocultamiento del cuerpo real, proyectando un cuerpo idealizado y deseado. Esto se debe a su materialización por la apropiación de adherentes y adherentes en una simbiosis que abarca o fusiona, cuestiones masculinas y femeninas, raciales y sociales de forma híbrida y flexible. El enfoque dado en este texto forma parte de las observaciones de campo y reflexiones realizadas en el proceso de investigación que se lleva a cabo en el máster cuando nos acercamos a las representaciones de género en las manifestaciones de pombagira.

**Palabras clave:** género, religión, religión afrobrasileña y sexualidade.

### **Introdução**

As questões aqui apontadas permitem outras análises, pois propiciam muitas discussões sobre corpo, religião e sexualidade, porém, para esse texto, abordamos que, dentro do espaço religioso, tendo como objeto de observação a manifestação, ou seja, a incorporação, possessão ou estado de transe, da figura da Pombagira, entidade espiritual que possui uma grande carga histórica e cultural, podemos pensar que a sua manifestação permite, especialmente o deslocamento do corpo masculino em feminino.

Sua manifestação religiosa nos possibilita analisar a flexibilidade corporal. Os corpos podem esteticamente transformarem-se do corpo dado, ao corpo idealizado e\ou desejado. O transe proporciona mesmo que temporariamente, uma recomposição do corpo, desfazendo a norma cultural, de corpos fixos que, conforme Judith Butler (2018, p. 19) é uma construção que materializa. Porém ao observamos no ritual, a transformação propiciada pela estética do transe, agregando vestimentas e discursos, podemos nos deixar levar pela sua desmaterialização.

As observações que trazemos são resultado das nossas vivências com as práticas religiosas afro-brasileiras na condição de adepta, das nossas investigações desenvolvidas observando a sua construção histórica, a estética da manifestação, as suas representações de gênero, e que nos apresenta a

Pombagira Dona Maria Padilha como a mais antiga das Pombagiras, formando e liderando uma espécie de sociedade de mulheres, que dentro das práticas afro-brasileiras tem seu culto estabelecido como o feminino de Exu, conforme estudos que definem seu lugar dentro da estrutura religiosa.

O personagem que vem construído pelas representações femininas, tem seu culto constituído do entrecruzamento de tradições africanas e europeias (PRANDI, 1996) e se apresenta numa mulher destemida e rompedora de regras e conceitos. Contudo, também marcada pela ambiguidade de ser ao mesmo tempo uma mulher da rua, no sentido de uma mulher “mal comportada”.

### **Pombagira: mulher de tantas imagens**

Estudos sobre a manifestação da Pombagira nos trazem inúmeras possibilidades, indicando a sua flexibilidade e toda diversidade que compõe a sua figura que se apresenta híbrida e ambígua. Torna-se importante registrar importantes trabalhos sobre o tema com suas variadas possibilidades de análise sobre o objeto. Entre eles, anotamos, Monique Augras (1989), Marlyse Meyer (1993), Patrícia Birman (1995), Reginaldo Prandi (1996) Stefania Capone (2005), entre outros que apresentam as diversas facetas do personagem e as inúmeras possibilidades de analisar sua figura marcada pela diversidade cultural.

A manifestação da Pombagira, dentro das práticas afro-brasileiras, se apresenta como o feminino de Exu, e numa perspectiva histórica e essencialista, conforme Maria Helena Farelli, está ligada ao imaginário medieval na figura de Doña Maria Del Padilla:

Da nobreza espanhola, amante de um rei, com um alto lugar na hierarquia da corte, recorrendo à vingança para garantir sua posição, celebre por sua beleza de “manos blancas, ojos negros”, a “hermosa Doña Maria Padilla” ficou na lembrança dos cantores, poetas e trovadores, anônimos ou conhecidos, até três séculos depois de sua existência terrena (2012, p. 127).

Quanto à sua associação ao mal e ao diabo, Farelli comenta:

Depois ocorreu sua demonização, já anunciada no romanceliro: “mala mujer”, enfeitadora, como todas as mulheres belas e sedutoras, tornou-se concretamente uma bruxa no episódio do cinto transformado em cobra; foi associada a Salomé, que pediu a cabeça de João Batista (FARELLI, 2012, p. 127).

Laura de Mello e Souza traz em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, relatos que nos mostram que essa presença esteve presente no imaginário, sendo inclusive objeto de “atenção” em processos inquisitoriais, por aparecer entre as práticas das mulheres: “Maria Joana, que sabia tantas orações para facilitar mulheres a homens e realizava cerimônias de conjuro pelas encruzilhadas...” (MELLO E SOUZA, 1986, p. 244). Ampliando essa mesma perspectiva é trazida por Marlyse Meyer em *Maria Padilha e toda sua Quadrilha* (1993), nos dando a materialidade de Dona Maria Padilha, enquanto personagem histórico, ligado a magia, desde os anos de 1700, sendo mencionada como figura de culto para atender as mulheres. A sua introdução nas práticas afro-brasileiras, também conforme Maria Helena Farelli, ocorre em decorrência desse imaginário que circulou da Espanha para Portugal, foi trazido para o Brasil, que se instala na cultura popular, e que penetrou nas práticas afro-brasileiras:

Irmanada ao Príncipe das trevas, penetrando no reino de Exu, ela permanece. Personagem fantástica, “baixa” em todos os terreiros do Brasil. Feiticeiros, poetas, pais-de-santo, trovadores, malandros, jongueiros, alufás, tatas cuidaram de manter seu mito (FARELLI, 2012, p. 127).

Dessa forma a figura da Pombagira mulher histórica, ancestral feminina, marcada pelo sobrenatural instala-se nas religiões afro-brasileiras como na Umbanda, na Jurema e outras manifestações religiosas, sendo uma figura controversa, associada ao mal, e, de maneira ambígua, insubmissa e irreverente apresenta inúmeras possibilidades de pensar o corpo e suas hibridações, influenciando nas emoções e projeções dos sujeitos envolvidos, ultrapassando as diferenças discursivas sobre o corpo que designam o sexo de cada indivíduo. A manifestação da pombagira possibilita a mobilização momentânea da categoria dos sexos desmaterializando a ficção dos corpos que nos faz refletir

sobre a observação de Judith Butler, quando diz que a normatividade, vai dar o lugar do sexo marcado pelo corpo (2018, p. 23).

As práticas religiosas de matriz africana, denominadas afro-brasileiras, que se estabeleceram no Brasil, conforme o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, são formadas por um campo rico e diversificado (2005, p. 10), possuem uma grande diversidade, e, uma riqueza no que tange as questões raciais, sociais e corporais, tendo em vista que elas apresentam uma variedade de manifestações de danças, entrelaçando as culturas indígenas, africanas e europeias, em que os corpos proporcionam um espetáculo, com características diversas, e ainda integrando-se a natureza, (árvores, animais etc.). O encontro de diversas práticas e culturas, conforme Néstor Canclini, é um processo híbrido que agrega a diversidade (2006, p. XXVII) de difícil precisão em razão da multiplicação (p. XX), e ainda resultado da “criatividade individual e coletiva” (p. XXII). A manifestação da pombagira tem essa característica. Suas representações e possibilidades são diversas, ela se transforma, se adequa, é atemporal, apresentando-se com uma carga histórica e mantendo tradições religiosas.

### **A Pombagira nos corpos**

Os corpos, nas religiões tradicionais africanas e nas práticas afro-brasileiras, são considerados templos. Os deuses e deusas se manifestam neles. Por isso eles tornam-se importantes e são, ou devem ser cuidados, para isso.

Porém, sabemos que o corpo, também é *utilizado como uma marca do seu pertencimento, uma forma de se localizar no seu grupo* (CANTON, 2009, p. 35). Assim, é interessante, fazer esse corpo transitar, permitindo ao mesmo reformular essa materialidade construída, havendo necessidade de uma outra concepção do processo quando o indivíduo assume uma norma corporal. (BUTLER, 2018, p.19).

Nesse sentido, o objeto em estudo, a pombagira nas suas manifestações de transe, permite que o corpo construído socialmente, ultrapasse a sua

materialidade e projete a sexualidade. Isso significa, que para além da materialidade, existe o sujeito, capaz de superar a norma de qualificação do corpo para além das questões culturais (BUTLER, 2018, p.19).

Também, dentro da questão do apagamento do real para o subjetivo, o momento do transe permite que o EU, desapareça e projete o desejado, tanto socialmente como fisicamente, o que no caso da nossa abordagem o foco incide na sexualidade, observando raça e condição social. O momento do transe, permite ao negro ser branco e permite ao branco adentrar ao mundo do negro. Isso é muito comum nas manifestações da Pombagira, conforme observamos nas nossas inserções em campo, que o fenômeno está dentro das práticas afro-brasileiras, praticada por mulheres negras, pobres, mas que ao manifestar-se apresentará uma mulher europeia, branca, que gosta de luxo, joias, perfumes, cigarrilhas etc. mas que leva o branco a apoderar-se dos saberes negros. Nisso também se permite a simbiose que rompe com a cor da pele.

A manifestação da pombagira geralmente traz para a cena a mulher idealizada no sentido de beleza e junto com isso a mulher que rompe com estruturas patriarcais, porém, ao mesmo tempo, dentro do controle. Vale dizer, no entanto, que ao sair desse controle sempre haverá uma possibilidade religiosa para o controle desse corpo, uma domesticação dos corpos, dentro de normas consideradas ideais. Isso significa que o transe pode proporcionar uma liberação do corpo, mas que ao mesmo tempo está sendo observado e controlado.

Outra característica muito marcante na manifestação da pombagira dentro dessa estrutura de brancos\as e negros\as é a possibilidade de trocar de lugar e fundir-se. O transe permite o sair de si, o desaparecer da sua condição, social e racial, conforme David Le Breton, na obra *Desaparecer de Si*, é como uma “desistência do vínculo social” (2018, p. 17), que, no caso da manifestação da pombagira, comporta sexualidade e estética nessa condição social.

A pombagira torna todas as mulheres bonitas, dentro de padrões de beleza euro centristas, retirando-lhes a negritude, dentro do processo

civilizatório branco-burguês, que Maria Lugones, (2014, p. 936\7) observa como um processo de “humanização” das condutas dos colonizados\as, julgadas como bestiais. Isso é bastante curioso pois a sua manifestação está fundada nas práticas religiosas afro-brasileiras, portanto estaria vinculada a cultura negra, o que reforça sua função branqueadora e colonizadora, reforçando os estudos de Laura de Mello e Souza (1986) Marilise Meyer (1993) e Maria Helena Farelli (2012) que apresentam a figura da pombagira e sua relação com a cultura europeia, especialmente com a Espanha, sendo relacionada com a figura de Doña Maria Del Padilla, que seria a mais velha das pombagiras, conforme discursos correntes até mesmo nas próprias práticas religiosas por adeptos e adeptas, reproduzidos pelo aprendizado transmitido pela oralidade. Isso merece estudo mais aprofundado, cabendo aqui apenas observar que o seu processo formatador é múltiplo, em movimento e pode ser analisado por outros vieses.

A sua acomodação estética possibilita a apropriação pelo sobrenatural rompendo com o natural, ou dado como real, ou seja, o corpo se projeta para além do objetificado. A manifestação da pombagira enquanto espírito que incorpora em corpos reais, traz para a frente o sobrenatural, ou seja, o corpo dado como real, é utilizado para que um ser, do outro mundo, do mundo espiritual\sobrenatural se comunique e interaja com os viventes.

Nessa comunicação, a pombagira, um ser espiritual\sobrenatural, mulher que se apresenta empoderada, ultrapassa as barreiras do corpo real e pode se manifestar tanto num corpo feminino como masculino, possibilitando aos olhos de quem o vê, que o sobrenatural sobreponha ao real. Também, se apresenta no corpo real e no corpo desejado, que conforme percebemos as mulheres projetam na sua pombagira o corpo que gostariam de ter, ou seja uma mulher gorda, negra, fora dos padrões estéticos dados como “bonitos”, pode na incorporação, ter na sua entidade espiritual as qualidades desejadas. Assim, também como um homem, cujo desejo é um corpo feminino, poderá ter esse corpo projetado dentro do ritual.

Vale lembrar o que anotamos quando realizamos o trabalho de campo: que as Pombagiras geralmente são loiras, olhos azuis, cabelos lisos e longos, ou seja, marcadas pela beleza ocidental. Também as ciganas aparecem no mesmo espaço, porém formando um grupo distinto, muito voltadas à magia e trazendo no imaginário mulheres alegres, com roupas coloridas, seus leques, seus xales, suas pulseiras.

Ao longo de mais de 20 anos de investigações em campo encontramos uma árabe, uma indiana e uma mulata, muitas rainhas, princesas, e ciganas, que assim se identificaram, ou foram identificadas. Em raras oportunidades observamos a pombagira se identificando como uma mulher negra.

Torna-se importante, reforçar que a Pombagira, assim como Exu, (Pombagira é como o feminino de Exu) nas religiões afro-brasileiras, conforme definição dada por Reginaldo Prandi (1996) seria o espírito de uma mulher que em vida teria sido uma prostituta ou uma cortesã e ainda que seria uma mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres. Assim, ela se apresenta geralmente na cultura popular, sendo, por essas definições, muitas vezes mal interpretada e mal representada por construções equivocadas, inclusive de adeptos. Se por um lado a mulher da rua, de vida pública pode representar uma forma de contestação e liberação da mulher formatada para o lar, por outro o estigma de que a mulher que ocupa o lugar masculino, que se torna pública é uma mulher fora dos padrões idealizados e naturalizados.

Contudo, entendemos por bem, frisar que dentro do que chamam de manifestações da Pombagira, temos como referência Dona Maria Padilha, que é dada como a mais antiga Pombagira, a líder dessa sociedade de mulheres, de tantas Marias (Maria Mulambo, Maria Quitéria...), e sua figura está relacionada à Doña Maria Del Padilla, que em vida foi uma mulher que viveu nos anos de 1300 na Espanha, na região de Sevilha e que foi uma das mulheres do Rei Dom Pedro I, o Rei de Castilla. Devido a sua condição de esposa não oficial, referenciada como a outra, a amante, pode ser, entre outras possibilidades, uma

das que coloca a Pombagira como essa mulher desprovida de valores morais, conquistadora de homens, detentora de magia e poder sobre eles.

Todavia, torna-se necessário observar que na História, Doña Maria Del Padilla, foi mulher de Dom Pedro I, tendo com ele cinco filhos, e embora ele tenha tido casamentos oficiais em razão dos interesses políticos com outras mulheres, ela sempre foi a mulher dele. Dom Pedro, na condição de Rei tinha compromissos oficiais com outras coroas, o que torna difícil ler com as concepções de hoje o que ocorria naquele momento. Isso é muito perceptível quando observamos a construção da figura da pombagira pautada na figura de Doña Maria Del Padilla, a interpretação é dada com o olhar e valores sociais do tempo da sua construção. Para melhor compreender o período, os personagens e os fatos, torna-se importante acessar obras históricas do período medieval e que trazem documentos sobre eles. Jiménez e Fernández (2006), trazem excelente estudo que nos permitem uma visão mais ampliada sobre o tema, desconstruindo a imagem negativa de Pedro I, rei de Castilla y Leon e sua relação com Doña Maria Del Padilla.

Entender esse processo é bastante complexo, pois estamos falando do período medieval, de interesses políticos e econômicos relacionados àquele período, e de outra condição feminina. Essa condição de amante, mulher má, feiticeira, mulher da vida, aquela que rouba o homem da outra, poderia sofrer outras interpretações numa leitura naquele tempo e hoje desprovida das representações de gênero que marcam a condição feminina, em especial quando da sua fixação dentro dos cultos afro-brasileiros.

A construção da Pombagira nas religiões afro-brasileiras, tendo como mito fundador Doña Maria Del Padilla, e a grande variedade de Pombagiras, que são diversas mulheres que compõem essa construção, está centrada no século XX, e, propicia pensar sobre a história das mulheres e questões de gênero, mas também nos permite compreender que Dona Maria Padilha na condição de ser do mundo dos mortos apresenta-se dentro das práticas afro-brasileiras, demarcando o branqueamento, além de trazer a trama do processo

imigratório e do encontro, dos processos de agregação e hibridação da diversidade cultural propiciando a humanização para as “desumanas” negras e indígenas.

Conforme informamos no início, essa abordagem direciona o foco sobre a questão do corpo em especial quanto à sua pertença sexual, dentro do ritual específico de manifestação da entidade denominada Pombagira. Elas são os espíritos femininos, que podemos definir como das mais variadas mulheres, trazendo a história social das mulheres, para o espaço religioso, permitindo o enfoque sobre sexualidade, por manifestar-se, caber em corpos masculinos e femininos, mas também entrelaçando raça, que é fator agregado pela forma com que se estabelece a umbanda e outras práticas religiosas similares, além da diversidade social e cultural da formação da sociedade brasileira.

Nas referidas práticas, por meio do transe, ocorre a possibilidade de mudar de lugar quanto ao seu corpo social. Homens podem estar mulheres e mulheres podem estar homens. Essa possibilidade de deslocar-se de um lugar ao outro, ainda que em situação momentânea, é uma ferramenta que possibilita uma vivência aos praticantes para auxiliá-los nas suas buscas, desejos e sentimentos ambíguos, especialmente com relação à sexualidade. Mais do que a dualidade construída socialmente de corpo masculino ou feminino, torna-se possível, ter um corpo flexível, híbrido, adaptável, externando o que David Le Breton chamou de “exercício de um poder” (2009, p. 215).

Quando o corpo se coloca para o transe o seu lugar físico, social dado, ele ultrapassa e ao olhar de quem o vê, ele se desloca de uma condição para outra. O corpo masculino pode ser possuído por um espírito feminino e torná-lo esteticamente feminino, ou o contrário, porém torna-se importante observar que ele continua mantendo a dualidade homem\mulher. Conforme Le Breton, (2009, p. 215) “em certas condições, ele contém um temível poder metamorfoseador”, reforçando que o olhar de um sobre o outro possui uma experiência afetiva, que pode produzir consequência físicas.

Nesse sentido, tanto nos sentidos afetivos do desejar, como do imaginar, projetar e criar situações, no caso do nosso objeto, muitas vezes observamos que pessoas que interagem com o fenômeno tanto na condição de passar pela metamorfose, quando de quem assiste, isso pode ocorrer. Ou seja, um corpo masculino adornado na pombagira, externará um corpo feminino e pode ser gerador de desejo, tanto quanto um corpo feminino adornado no masculino pode ser sentido como um corpo masculino. Ou ainda, mesmo um corpo feminino, adornado na personagem, pode gerar na imaginação do olhar de quem vê, um sentir que ultrapassa do corpo real, para o corpo produzido.

Em entrevistas realizadas e observações, ao longo do período de investigação quando da realização do mestrado, observamos que também os adeptos e adeptas ultrapassam o corpo material projetando o corpo espiritual\sobrenatural. Um dos nossos entrevistados observou que o seu corpo masculino, no momento do transe assume formas femininas, observando que o seu órgão sexual se transformava de homem em mulher. Também observamos nos discursos das mulheres a superação do seu corpo para o personagem. De negra para loira, de velha para nova, assim como, de fora dos padrões estéticos dados como bonito, que seria magra, alta, cabelos lisos, sobrepondo-se a aparência real, fazendo com que, por exemplo a mulher já com idade, negra, gorda, tenha a sua pombagira dentro do processo de hibridação cultural, transformada, fazendo desaparecer as características indesejadas para aflorar a estética do padrão colonizador de beleza, conforme cantada no ritual “mas ela é loira\ dos olhos azul\mas ela é filha de seu Omolu”.

Essa projeção, ou transformação do adepto e da adepta, também se manifestava nas pessoas que participavam do ritual na condição de cliente ou apenas assistente. Em alguns momentos observamos que uma mulher que no transe assumia uma entidade masculina e se apresentava no ritual como um homem, enfrentava as “cantadas” de outras mulheres, após o término do ritual. Percebia-se claramente que o corpo material era superado por um corpo imaginado, ou por uma interpretação de sinalização de opção sexual.

Vale frisar que embora esteja situado no campo do sobrenatural, e que as entidades são seres do outro mundo, do mundo espiritual, do mundo dos mortos, eles se apresentam nos corpos dos vivos e falam pelas bocas deles. Há nesse processo uma simbiose de que o corpo material é usado pelo espírito e o comando passa a ser do mundo espiritual. O sobrenatural sobrepõe-se ao material. Desta forma o espiritual projeta-se como sobre o material, sem que o material desapareça totalmente, pois ele continua sendo reproduzido como pertencente ao mundo natural.

O olhar com que é vista, conforme David Le Breton, “tocam aquilo que percebem e implicam o sujeito no mundo (2009, p. 228), ou seja, o olhar de quem vê dissolve sua condição material e lhe empresta uma condição imaterial. Para quem vivencia a experiência é um deslocamento que permite sair da sua condição sexual ou social determinada socialmente para o local idealizado, ou dado como de referência. A expressão corporal, especialmente o olhar de quem toca, faz com que o imaginário social seja reforçado, sendo percebido pela pessoa tocada por esse olhar (BRETON, 2018, p. 215).

## **Considerações**

Considerando o que percebemos nos rituais, observamos que essa função de projeção do sobrenatural, da construção religiosa, sobre o dado social estabelecido de dualidade sexual, ou seja, de corpos masculinos e femininos, e ainda da inflexibilidade colocada pela rigidez imposta aos corpos é violenta e causadora de desconfortos e sofrimentos. Contudo, entendemos que o ritual possibilita a flexibilidade sexual dos corpos, permitindo o deslocamento deles, porém ainda, mantendo a dualidade, mas propiciando mudar para um ou para outro lugar, embora temporariamente e de maneira teatral, como se fosse uma representação, ou seja, permitindo perceber o que Maria Lugones (2014), nos faz pensar: que os sexos não são distintos e sim complementares, portando, passar de um lado para outro é apenas transitar no mesmo mundo. Mas, a

rigidez da condição dada e estabelecida, permanece como “lugar seguro”, racional para onde se deve retornar. Ou seja, o corpo masculino apresenta-se com a essência feminina, mas seu lugar dado será mantido. O mesmo ocorrendo no inverso, quando em determinados rituais o corpo feminino torna-se masculino pelo processo do transe, de forma temporária e teatral.

Nossa proposta inicial era a de falar apenas sobre sexualidade, mas acabamos por trazer também a indicação de que o mesmo pode ocorrer com relação a questões sociais, especialmente de raça, haja vista que no caso da Pombagira, conforme anotamos inicialmente é uma manifestação dentro das práticas denominadas afro-brasileiras, sendo de senso comum, referir-se ao fenômeno como algo pertencente a cultura negra, mas que é sobreposto ou sobposto, na construção do personagem Pombagira a sua origem europeia, lembrando o que observamos no trabalho de campo durante as investigações do mestrado, de corpos negros, que manifestavam suas pombagiras loiras de olhos azuis e longos cabelos, de mulheres fora dos padrões de beleza impostos, ou sejam baixinhas, muito magras, ou muito gordas, com idade avançada, pobres, mas que investidas no personagem da pombagira projetavam lindas mulheres, magras, altas, longos cabelos, de gosto requintado para bebidas, leques, xales, cigarro, perfumes, roupas, joias etc.

As observações trazidas, é apenas uma abordagem, que podem permitir outras interpretações. Reforçamos que o corpo é um local de controle, com uma determinante dual, sendo que tudo que foge a essa dualidade é dado como deformação, mas que dentro de algumas manifestações como a arte e a religião, torna-se possível flexibilizar os corpos e aliviar as tensões sociais e culturais sobre eles, rompendo simbolicamente e temporariamente com a materialização imposta sobre os corpos.

## **Referências**

- AUGRAS, Monique. De Yjá Mi a Pomba Gira: Transformações e símbolos da libido. In: Moura, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) *Meu sinal está no teu corpo*. Edicon\Edusp, São Paulo, 1989, p. 14\33.
- LE BRETON, David. *As Paixões Ordinárias*. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.

- \_\_\_\_\_. Desaparecer de Si. Uma tentação contemporânea. Editora Vozes, Petrópolis, 2018.
- \_\_\_\_\_. Antropologia do Corpo e Modernidade. Editora Vozes, Petrópolis, 2012.
- BIRMAN, Patrícia. Fazer Estilo Criando Gêneros. Relume Dumará\Eduerj, Rio de Janeiro, 1995.
- BUTLER, Judith. Cuerpos que Importan. Editorial Paídos, Ciudad Autónoma de Buenos Aires-Argentina, 2018.
- CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas. Edusp, São Paulo, 2006.
- CANTON, Katia. Corpo, Identidade e Erotismo. Martins Fontes, São Paulo, 2009.
- FARELLI, Maria Helena. Os conjuros de Maria Padilha. Editora Pallas, Rio de Janeiro, 2012.
- JIMÉNES, Manuel González e FERNÁNDEZ, Manuel García. Pedro I y Sevilla. Biblioteca de Temas Sevillanos, 1ª edição, Sevilla, Espanha, 2006.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos feministas, Florianópolis, 2014.
- MENEZES, Nilza. Arreda homem que aí vem mulher: Representações da Pombagira. Editora Fortune, São Paulo, 2009.
- MEYER, Marilise. Maria Padilha e toda sua quadrilha. Editora Duas Cidades, São Paulo, 1993.
- PRANDI, Reginaldo. Herdeiras do Axé. Sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo, Hucitec 1996.
- SILVA, Vagner Gonçalves. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. Selo Negro Edições, São Paulo, 2005.
- SOUZA, Laura de Mello e. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. Companhia das Letras São Paulo, 1986.

Recebido em: 29-05-2021  
Aprovado em: 10-10-2021